



AVALIAÇÃO: UM VÍRUS NÃO IDENTIFICADO NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BRASILEIRA

Edson Marcos de Godoy Palomares

Universidade Federal do Ceará
Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF
edson.palomares@uol.com.br

Bárbara Raquel Agostini

Faculdade Integrada do Ceará – FIC
Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF
babe_agostini@hotmail.com

Jean Carlo Vidal

Universidade Federal do Ceará
Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF
jean.vidal@fgf.edu.br

Introdução

A Educação Física brasileira enfrenta problemas graves há décadas, muitos dos quais decorrentes da escolha dos esportes que servem como conteúdos e também da forma de aulas ministradas, conforme Castellani (1994) e Tubino (1992), já alertavam. O quadro não se alterou e o processo de avaliação é extremamente subjetivo, para não dizer inexistente. O reconhecimento social desta área de conhecimento está relacionado à performances esportivas. Mas, se faz necessária uma apreciação histórica do nível de influência do Treinamento Desportivo no contexto geral da Educação Física e, para isto, devemos nos reportar ao passado, antes de sugerirmos um direcionamento diferenciado. Daolio (2002), faz uma abordagem cultural da Educação Física, conceituando-a como parte integrante e importante de uma sociedade evoluída.



Recuperação Histórica

Os fatos que narraremos a seguir foram decisivos para o encaminhamento tomado pela Educação Física, muito embora o Brasil não tenha se adequado com o passar dos anos às novas realidades, permanecendo com formas de ensino antigas e antiquadas. Tubino (1992), preocupou-se em catalogar historicamente os passos seguidos pela Educação Física.

A Primeira Guerra Mundial apresentou ao mundo uma Alemanha com sede de conquistas e mesmo a derrota não foi capaz de intimidá-la, tanto que após duas décadas ela estava pronta para a Segunda Guerra Mundial, porém ao derrotá-la, o mundo decidiu impedir que uma terceira guerra ocorresse, cabendo principalmente aos EUA (Estados Unidos da América) e à URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), a vigilância constante da Alemanha, que dividiram-na em duas partes com o famoso muro: Ocidental e Oriental. A Segunda Grande Guerra também serviu para que EUA e URSS respeitassem-se mutuamente já que o poderio armamentista de ambos era fantástico e eles entenderam que um embate entre estes países traria conseqüências inimagináveis ao planeta. Porém, estas potências possuíam ideologias antagônicas: Capitalismo e Socialismo. Começa então uma “Guerra-fria” (termo que indicava uma guerra política, já que não existia o confronto com armas), onde cada país, a seu modo, buscava convencer outras nações das virtudes de seus ideais. Os norte-americanos utilizaram-se muito da empresa cinematográfica financiada pelo governo: Hollywood, que passou a mostrar o milagre americano ao mundo, numa terra farta de mocinhos e onde os bandidos sempre se davam mal. Já os soviéticos, ao contrário dos americanos, fecharam-se sob a sombra de uma



“cortina de ferro”, e em negociações obscuras buscavam novos países como aliados, prometendo apoios militares e financeiros.

As disputas estavam orientadas em três direções básicas: soberania militar, conquista do espaço e demonstrações de domínio esportivo, sendo que esta última servia para conquistar a opinião pública mundial. Como os Jogos Olímpicos eram destinados a amadores, estes países, de forma hipócrita treinavam seus atletas como se fossem profissionais, mascarando-os como militares ou universitários. Investimentos maciços foram feitos para o desenvolvimento destas áreas, e com os Desportos isto não foi diferente. Começa aqui o Treinamento Desportivo de Alto Nível, e os records despencavam a cada temporada. Durante décadas estes países revezaram-se como lideranças esportivas mundiais, até que em 1980 a história começa a conhecer o vencedor, por ironia na Olimpíada de Moscou, quando alguns países foram liderados pelos EUA e não compareceram aos Jogos, boicotando o evento. A festa moscovita perdeu o brilho, pois o principal adversário não estava presente a uma das mais grandiosas Olimpíadas já organizada. O mascote “Micha” demonstrou a decepção soltando uma lágrima ao final do evento. A justificativa dada para o boicote foi a indignação com a invasão ao Afeganistão (1979) por parte da URSS, governada então por Leonid Brejnev, mas na verdade os norte-americanos não queriam sofrer uma “derrota” no campo esportivo, ainda mais que seria em território inimigo. O mundo estava indeciso sobre qual seria a melhor ideologia, então este não era o momento para ser derrotado. Foi uma decisão estratégica que provocou a revolta dos atletas que não puderam participar dos jogos após anos de preparação e dedicação.



Em 1984 foi a vez da URSS boicotar a Olimpíada de Los Angeles, com alegações semelhantes: a onda de intervenções comandadas por Regan em países da América Central por parte dos EUA, como a Nicarágua, Honduras, El Salvador e Guatemala, nações que apoiavam o socialismo. Os Jogos também perderam o brilho sem a presença de vários países que aderiram ao boicote. Porém, os americanos aproveitam a oportunidade para mostrar ao mundo que o esporte pode ser um excepcional instrumento de marketing. Pela primeira vez na história uma Olimpíada proporciona lucro. Os norte-americanos cotizaram os Jogos, promovendo a venda de direitos da imagem olímpica: refrigerante oficial dos jogos, filme fotográfico oficial dos jogos, cartão de crédito oficial dos jogos, etc. Surge a figura do patrocinador, que vinha dos mais diversos setores da economia. Isto trouxe mudanças radicais, inclusive nos sistemas de treinamento, pois os atletas e as equipes passaram a ter que aparecer mais na mídia para justificar o patrocínio. A Teoria do Treinamento Desportivo passa por uma profunda modificação. Os desportos viram produtos e os atletas passam a ser vendedores destes produtos. Ser atleta transforma-se em profissão. Em 1988, nos Jogos de Seul, pela primeira vez os atletas profissionais participam de uma Olimpíada. O capitalismo obtém importante vitória sobre o socialismo. Poucos anos depois inicia-se o processo de dissolução da URSS, com a chegada da Perestroika (reconstrução), comandada por Mikhail Gorbachov, culminando com a queda do muro que separava a Alemanha.

Contexto Histórico Brasileiro

Voltando-se para o Brasil, com o término da Segunda Guerra Mundial, nosso país, assim como a grande maioria, inaugurou várias escolas militares e mesmo na-



queelas que não objetivavam formar futuros militares, o regime era parcialmente trabalhado dentro dos conteúdos da Educação Física, por meio das Ordens Unidas (direitavolver, ordinário-marche, etc.). O militarismo imperava no mundo, pois o medo de uma nova guerra estava no ar. O patriotismo era desenvolvido com o canto de hinos em formaturas que antecediam as aulas. Com relação aos desportos praticados nas escolas do Brasil, ACM (Associação Cristã de Moços) teve papel crucial, pois foi ela que difundiu em nosso país os esportes que eram praticados nos EUA – Basquetebol e Voleibol, além do Handebol. Os governantes brasileiros apegaram-se a estas modalidades, crescendo o Futebol de Salão e semearam quadras poliesportivas pelas escolas do país, barateando custos com instalações e material, sem se importar com o fato de que três destas modalidades foram idealizadas para atletas com estatura muito acima da média mundial e, obviamente, brasileira. O que mais impressiona é que estas modalidades vêm sendo trabalhadas há décadas em nosso país sem a menor discussão do porquê. Enquanto existem mais de 200 modalidades em condições de participar dos Jogos Olímpicos, nós estacionamos nestas, sendo que três delas só podem ser praticadas por homens e mulheres que possuem estatura elevada. Isto se reflete nas aulas de Educação Física, aonde as crianças vão perdendo o prazer ano a ano com relação a esta disciplina, que se torna repetitiva, sempre com as mesmas modalidades, e deixa de ser prazerosa para a grande maioria das crianças, pois elas não possuem estatura adequada para a prática das mesmas (TUBINO, 1992).

Processo atual

Ao realizarmos uma pesquisa na rede pública da cidade de Curitiba, ficamos perplexos com os seguintes



dados: após seis meses do ingresso no 1º ano do 1º grau, aproximadamente 90% das crianças escolhem a Educação Física como disciplina preferida. Após onze anos, ou seja, na 3ª série do ensino médio, este percentual cai para 15%. Temos que acordar para este fato: as crianças vão deixando de gostar da Educação Física por nossa única e exclusiva culpa, conforme os anos escolares vão passando. Não queremos aqui culpar o Voleibol ou o Basquetebol, mas não há uma preocupação com os pré-requisitos básicos para a prática destes desportos: a população brasileira possui estatura média de 1,76 m para homens e 1,67 para mulheres (IBGE-2000). A atividade física deve proporcionar prazer, e a partir do momento que a criança percebe que jamais poderá “enterrar” uma bola de basquetebol na cesta, ou então “cravar” a bola de voleibol na linha dos três metros, como ela assiste na TV, vai perdendo o interesse já que passa a ser um coadjuvante para aqueles que possuem melhores condições genéticas para tais esportes.

Avaliação

Isto se reflete na forma de avaliação utilizada pela Educação Física, que beira o empirismo ou então se baseia na performance técnica do aluno quando pratica os esportes em questão: ao final do bimestre o aluno deverá ser capaz de realizar o saque por cima, ou ainda, realizar a bandeja pelo lado direito. Entendemos que estes esportes podem ser utilizados durante as aulas de Educação Física como meio e jamais como fim. As aulas devem melhorar as capacidades físicas do futuro cidadão, conscientizando-o da importância da atividade física e recreativa em sua vida, e não formar um atleta. Com isto, o atual dentista, advogado ou engenheiro sabem exata-



mente porque tiveram aulas de matemática, português, geografia, história, ciências – os objetivos são claros e crescentes. Já com relação à Educação Física, a sociedade não consegue perceber qual o objetivo da disciplina no processo de ensino-aprendizagem, já que ela existe como uma atividade recreativa ou técnica, eminentemente superficial. Este quadro nos leva a acreditar que devemos adequar os conteúdos ministrados às reais necessidades da população, para que assim possamos conquistar o respeito e reconhecimento social por nosso trabalho: ensinar o jovem a se alongar, a sentar, andar, correr, respirar, enfim, praticar determinada atividade física e cuidar de seu próprio corpo, além de receber informações sobre os males do sedentarismo, obesidade, tabagismo, alcoolismo, drogas, etc.

Não é por acaso que somente 15 % da população pratica rotineiramente determinado tipo de atividade física e que os 85 % dos brasileiros lota as filas dos hospitais, apresentando problemas de saúde ligados diretamente à falta de atividade física em suas vidas: distúrbios psicológicos (estresse, depressão, dependência química, alcoolismo), obesidade, diabetes, problemas cardíacos e circulatórios (hipertensão, enfarto, AVC), problemas articulares (artrose, artrite), problemas respiratórios (tabagismo), entre outros (MAKARENKO, 2000).

Muitos são os fatores que levam a estes problemas, porém os que mais nos chamam a atenção referem-se justamente quanto ao processo de formação dos profissionais. A cada ano que passa, proliferam-se os cursos de Educação Física pelo país, e isto se deve à grande procura por parte da população, porém a grande maioria daqueles que procuram este curso está interessada nas áreas em que justamente existe uma grande concorrência ou rotatividade: Treinamento Desportivo, Personal



Training ou Academias. Entre as outras áreas de atuação do profissional de Educação Física, podemos citar: Portadores de Necessidades Especiais, Lazer e Recreação, Ginástica Laboral, entre outras, mas chamamos a atenção para aquela que oferece o maior número de vagas no mercado de trabalho: Educação Física Escolar.

Aqueles que realmente se dedicam a esta área são sufocados por colegas de trabalho que não conseguem se posicionar onde desejam e migram para cá, minando a base da Educação Física brasileira. Durante o curso universitário, eles não se preocupam com disciplinas voltadas para a didática, métodos de ensino, processos de avaliação, psicomotricidade, entre outras, que são fundamentais para a Educação Física Escolar (FREIRE, GHIRALDELLI, 1997)

Ao contrário, dedicam-se aos cursos de fitness, academia, personal e treinamento, como podemos observar em eventos pelo país afora, apostando num futuro que na maioria das vezes será frustrado. O resultado disto é que teremos um grande número de professores descompromissados com a Educação Física Escolar, uma parcela que diminui sua frustração treinando as crianças e jovens como se fossem atletas, e uma minoria que realmente está engajada em melhorar os processo de ensino-aprendizagem da Educação Física Escolar (KREBS, COPETTI, ROSO, KROEFF e SOUZA, 2001).

Legislação

O CONFEF – Conselho Federal de Educação Física ainda não conseguiu fazer com que aqueles que se dedicam a bacharelados voltados para a área desportiva sejam impedidos de atuar na Educação Física Escolar e



vice-versa. A legislação ainda deixa brechas e isto pode levar tempo. Infelizmente o Conselho não possui força política suficiente, haja visto que o atual treinador da Seleção Brasileira de Futebol contraria todas as leis da classe, assumindo um dos cargos mais evidenciados do mundo e com certeza do Brasil, sem a formação universitária para tal, provocando um retrocesso nos avanços até então obtidos pela classe e, o que é mais importante, abrindo um precedente para que outros ex-atletas assumam cargos de treinadores. Não percebemos nenhum movimento pelo órgão máximo ou por uma de suas unidades, CREFs – Conselhos Regionais de Educação Física no sentido de discussões, fóruns ou debates sobre a questão da avaliação (LEI 6969- 1998).

Proposta de avaliação

A avaliação na Educação Física Escolar é única, pois pode avaliar proporcionalmente, qualitativamente e quantitativamente a evolução dos alunos. Abreth (2001) cita em sua obra os princípios, medidas e aplicações para reorganização curricular do ensino básico, porém não existe um direcionamento específico para a Educação Física. Sugerimos avaliações práticas e teóricas:

- Avaliações práticas: avaliar bimestralmente o desenvolvimento das capacidades físicas, que deve ocorrer naturalmente, com a prática de atividades recreativas e esportivas, além do desenvolvimento fisiológico que ocorre em todas as crianças e adolescentes. Weineck (2000) aborda o tema em sua obra, e também acredita na eficiência dos testes. Os testes devem ser



direcionados para as capacidades físicas: Força, Velocidade, Resistência, Coordenação e Flexibilidade. Por ter vivenciado e acompanhado o desenvolvimento, cito a sugestão do Programa de Educação Física Nacional da Rússia (MATVEEV, 1997):

1º DIA:	2º DIA:
1. Estatura	12. Espirometria
2. Peso	13. Corrida de 20 m – lançado
3. IMC – índice de massa corporal	14. Noção espacial
4. Dinamometria manual (direita e esquerda)	15. Noção temporal
5. Dinamometria dorsal	16. Impulsão vertical
6. Impulsão horizontal	17. Abdominais tipo remador – 1 min
7. Lançamento de medicineball – 2 kg	18. Velocidade de raciocínio
8. Corrida de 30 m	19. Corrida vai-vem (10 + 10 + 10 m = 30 m)
9. Velocidade de reação	20. Memória
10. Flexibilidade	21. PWC-170 (degrau – adaptado)
11. Corrida de 3 min	

Após serem selecionadas, as atividades das aulas devem ser divididas respeitando os Períodos Sensíveis, estudados por FILIN (1998):

CAPACIDADES FÍSICAS	PERÍODOS SENSÍVEIS PARA DESENVOLVIMENTO (FAIXA ETÁRIA)		
	Meninos	Meninas	Rapazes Moças
COORDENAÇÃO	4-6	3-6	8-10
FORÇA	5-7	4-7	9-12
VELOCIDADE	7-9	6-8	13-14
RESISTENCIA	8-10	7-9	15-18
FLEXIBILIDADE	2-4	2-5	6-8

- Avaliações teóricas: em forma de pesquisas, trabalhos em grupo ou até mesmo provas, os alunos devem entender e relacionar a Educação Física



sica ao contexto social, com temas relacionados ao Tabagismo, Alcoolismo, Drogas, Obesidade, Doenças Cardíacas, Doenças Respiratórias, Diabetes, Sedentarismo, Estresse, Depressão entre outros males que podem ser reduzidos e minimizados com a prática de uma atividade física introduzida na rotina de vida do cidadão.

Recomendações

Se verificarmos os desportos básicos que são ministrados nos IES nos cursos de Educação Física para os futuros professores, veremos exatamente o mesmo retrato: quadras poliesportivas, avaliações baseadas em rendimento desportivo, com um agravante: sem a obrigatoriedade das prévias, atualmente o nível de coordenação motora dos educadores físicos é preocupante, ainda mais quando sabemos que as crianças em idade escolar necessitam de referenciais para o processo ensino-aprendizagem. Já imaginaram se as professoras de Português apresentassem uma caligrafia ilegível? Seria o equivalente ao um dentista com dentes cariados atendendo em seu consultório! Mas, infelizmente é isto que vem ocorrendo na grande maioria das escolas: Educadores Físicos sem um pré-requisito essencial à prática da profissão: bom nível de coordenação motora.

Concluindo este raciocínio, ressaltamos a necessidade da revisão dos processos avaliativos da Educação Física Escolar, pois é ela que solidifica a profissão do Educador Físico. Sem dúvida, nas escolas surgem talentos esportivos, porém cabe ao Educador Físico encaminhá-los para serem treinados em locais apropriados, e não no ambiente escolar (FERREIRA NETO, GOELLNER e BRACHT, 1995).



Bibliografia

- ABRECTH, P. Reorganização curricular do ensino básico: princípios, medidas e aplicações. Lisboa: ME/DEB, 2001.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil** – a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1994.
- DAOLIO, J. **Educação Física e conceito de cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- FERREIRA NETO, A.; GOELLNER, S. V.; BRACHT, V. **As Ciências do Esporte no Brasil**. Campinas: Editora Autores Associados, 1995.
- FILIN, V. P.; VOLKOV, V. M. – adaptação: GOMES, A. C.; PALOMARES, E. M. G.; LANARO F^o., P. **Seleção de Talentos nos Desportos**. Londrina: Midiograf, 1998.
- FILIN, V. P. adaptação: GOMES, A. C.; SILVA, S. G. **Desporto Juvenil – teoria e metodologia**. Londrina: CID, 1996.
- FREIRE, P., GHIRALDELLI, P. J. **Educação física progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOELLNER, S. V. **Educação Física/Ciências do Esporte** – intervenção e conhecimento. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.
- KREBS, R.J.; COPETTI, F.; ROSO, M. R.; KROEFF, M. S.; SOUZA, P. H. **Desenvolvimento Infantil em Contexto**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2001.
- LEI 6969 – 1998 – Decreto Presidencial. – Regulamentação da Profissão do Educador Físico. República Federativa do Brasil.
- MAKARENKO, L. P. Adaptação: GOMES, A. C.; PALOMARES, E. M. G. **Natação: seleção de talentos e iniciação desportiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000.



MATVEEV, A. P. adaptação: GOMES, A. C.; PALOMARES, E. M. G. **Educação Física Escolar: teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Palestra Sport, 1997.

TUBINO, M. J. G. As Tendências Internacionais da Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, Brasília: v. 7, n. 26, p. 06-12, abr./jun., /1975.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões Sociais do Esporte.** São Paulo: Ibrasa, 1992.

TUBINO, M. J. G. **Esporte e Cultura Física.** São Paulo: Ibrasa, 1992.

TUBINO, M. J. G. **O Esporte no Brasil.** São Paulo: Ibrasa, 1996.

WEINECK, J. **Biologia do Esporte.** São Paulo: Manole, 2000.